

SOBRE MITOS, COINCIDÊNCIAS E HOMÔNIMOS: TRABALHANDO COM CARINHO DE ARTESÃO O MOSAICO FAMILIAR

Por Elias Salgado

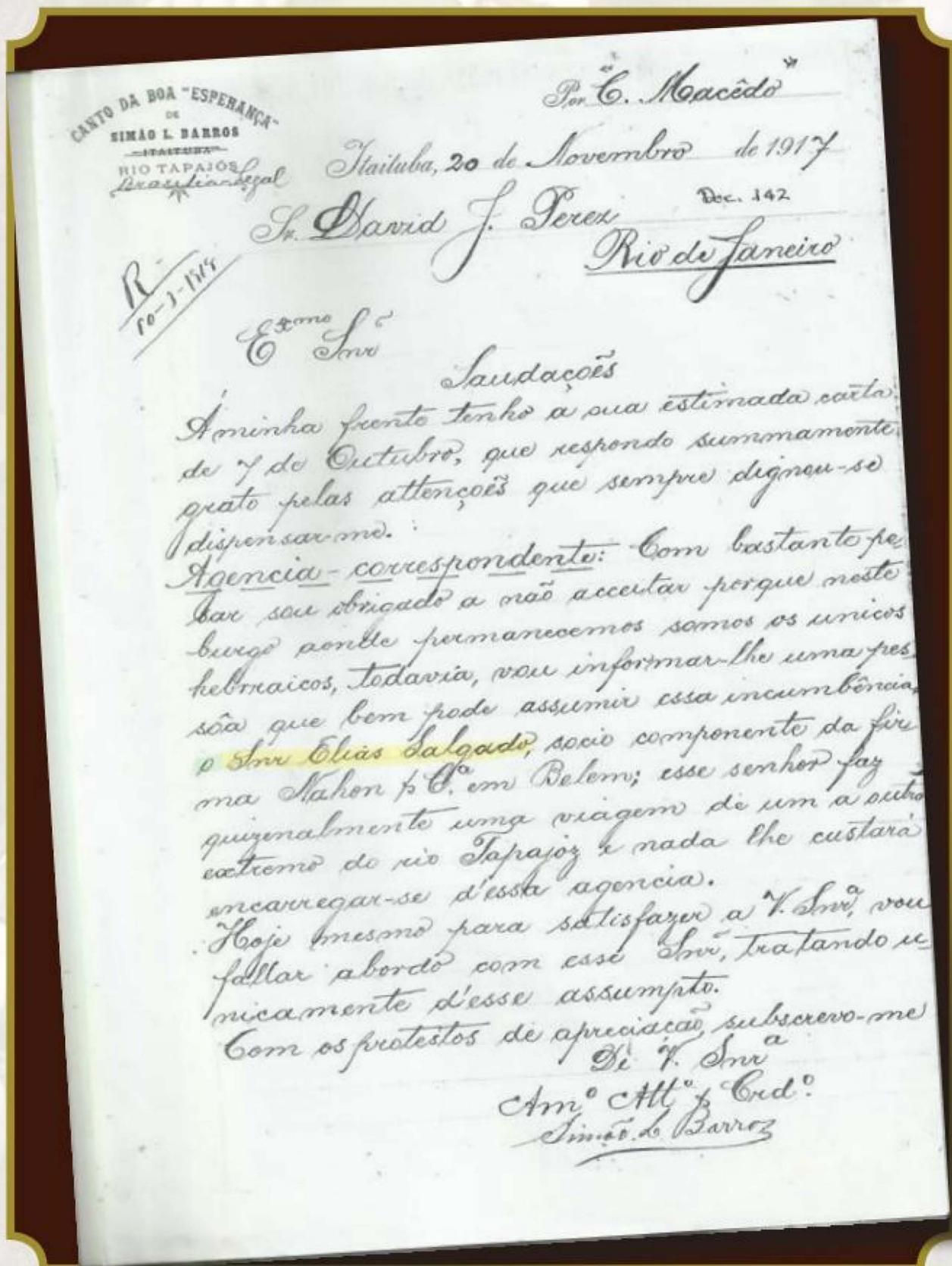
“Não! Se surgir alguém com o sobrenome Salgado no Brasil, que não seja parente nosso, descendente de seus avós Sime e Lázaro Salgado, certamente, ele não é judeu, muito menos de origem marroquina. Os únicos Salgado judeus de origem marroquina que existem no nosso país somos nós”

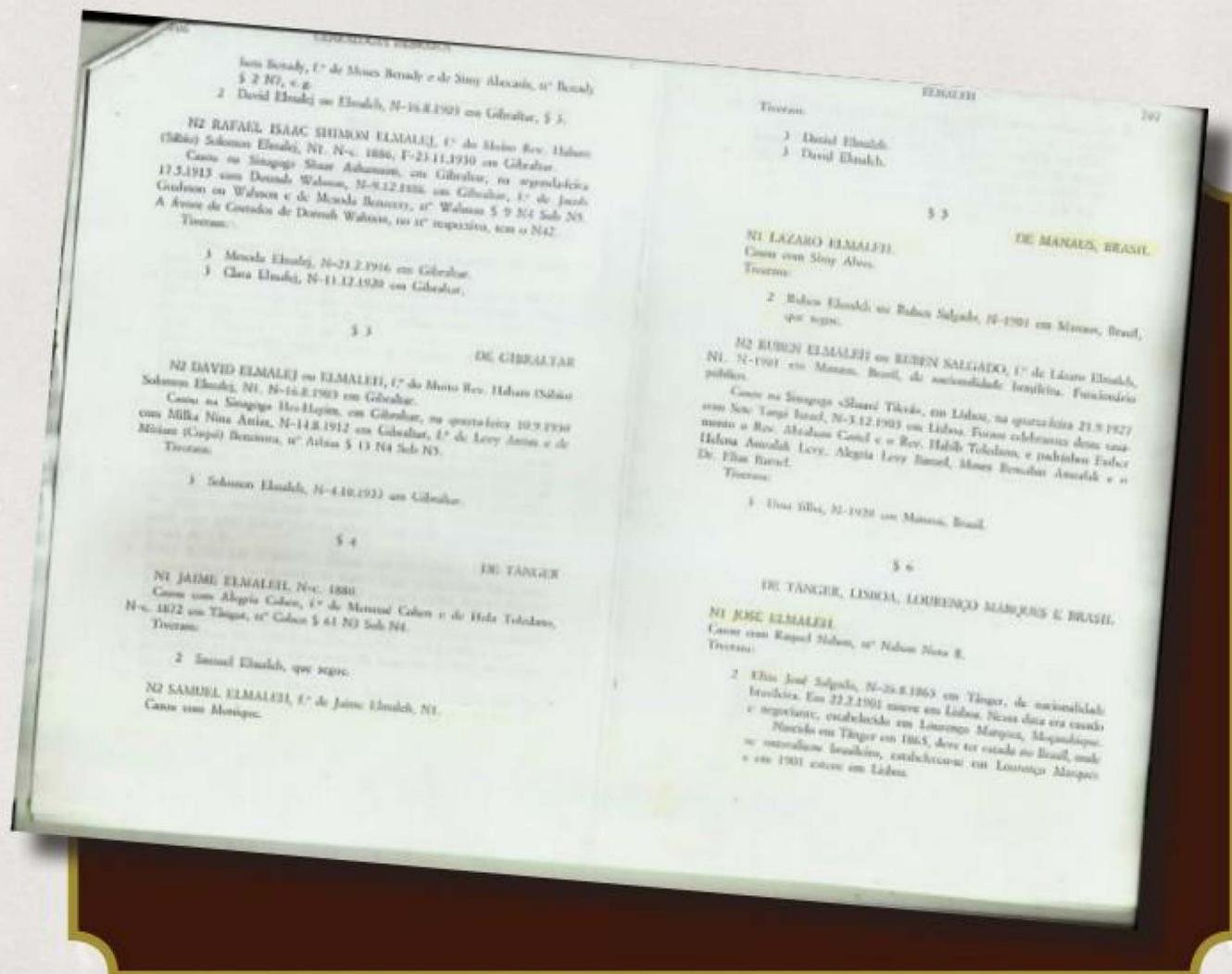
Era meu tio Rubem Salgado Z”L, irmão mais velho de meu pai, fazendo uma afirmação categórica, numa das inúmeras entrevistas que lhe fiz, para coleta de depoimentos, dados, documentação e imagens, nos anos finais de sua vida, a partir dos 90, quando estudei minha pós graduação em História na Universidade Hebraica de Jerusalém e estabeleci, desde então, como objeto central de estudos, a comunidade judaica marroquina da Amazônia, da qual somos membros cativos, e passei a alimentar um verdadeiro vício, que eu e meu irmão David, possuímos em comum: o estudo da genealogia e da memória das famílias daquela comunidade, em especial a nossa.

Boa parte do acervo familiar que possuímos, vem destes encontros com tio Rubem, os meus e os de David.

Por anos a fio, tomamos aquela afirmação como um dogma, um verdadeiro mito da nossa história familiar. Mas aprendi na boa escola acadêmica de Monte Scopus, que um pouco de curiosidade e dúvida que seja, faz bem a qualquer pesquisador honesto.

Lendo livros como, “O queijo e





os vermes”, “Os andarilhos do bem”, “Mitos, emblemas e sinais”, passei a acreditar um pouco mais, como Carlo Guinsburg, que a boa construção da História está nos detalhes. E um pouco como o mestre italiano, passei a através de detalhes isolados, desconstruir aquele mito familiar. Me auxiliou nesta tarefa, a descoberta feliz, de um homônimo meu!

A primeira vez que me deparei com “ele”, foi quase que por acaso. Eu havia esquecido por um tempo, aquela questão dos únicos Salgado judeus do Marrocos no Brasil, quando passando um pente fino no arquivo da correspondência do jornal A Columna, de David José Pérez, primeiro jornal judaico em língua portuguesa do Brasil, no Arquivo da História do Povo Judeu, no campus de Guivat Ram, me deparei com uma carta, onde um assinante do jornal de nome. Simão L. de Barros, indicava a Pérez, para ser seu correspondente na região do Tapajós, a um sócio da empresa Nahon & Cia. de Belém, o Sr. Elias Salgado.

Vocês certamente estão tentando

imaginar minha surpresa, certo? Bem ela foi se tornando rotina ao longo do tempo, já que aquele “encontro” não foi o único...

Tempos depois, pesquisando sobre a genealogia dos Elmaleh, novamente me deparei com “ele”, quando lia “Genealogia hebraica: Portugal e Gibraltar, sec. XVII a XX” de José Maria Abecassis.

Lá estava o meu homônimo. O verbete de seu pai, José Elmaleh, está lá, bem abaixo do verbete do meu avô Eliezer Elmaleh. Nele Elias Salgado, consta como filho de José Elmaleh, que nasceu em Tanger, em 1865 e que teria se naturalizado brasileiro e mudado seu sobrenome de Elmaleh para Salgado.

Isto mesmo! A coincidência era múltipla: além de Salgado, de meu homônimo, “ele” era também um Elmaleh como nós. Tudo isso sem ser nosso parente, sem ser filho de Sime e Eliezer Elmaleh.

Estava no chão o grande mito de nossa família. Não éramos os únicos Salgado judeus de origem marroquina no Brasil.

Mais tarde ainda consegui, lendo Egon e Frida Wolff (“Judeus no

Brasil República”), me deparar com os dados de um documento de 25/11/1898, dirigido ao ministro da justiça e negócios interiores de então (Epitácio Pessoa) em que “ele”, já usando o nome de Elias José Salgado, declara ser de origem marroquina e filho de José Salgado (José Elmaleh) e Raquel Salgado Raquel Nahon de solteira). E logo a seguir uma declaração de Feliciano Egydio do Valle, Tenente do Corpo de Infantaria do Regimento Militar do Estado (Pará) e subprefeito da cidade (Belém), atestando que “ele” vivia, então, há mais de 3 anos no país, e que desejoso de adotar o Brasil como pátria, pedia naturalização brasileira.

E por fim, ao menos até aqui, ainda consegui saber dados sobre seu destino final, lendo “Sepulturas Israelitas de Belém”, também do casal Egon e Frida Wolff.

Elias José Salgado, nascido Elias José Elmaleh, está enterrado no Cemitério Judeu Antigo do Guamá (Cemitério Santa Isabel).

Ou seja, nasceu, viveu e morreu, com o mesmo nome que me deram (Elias), o meu sobrenome original (Elmaleh); seu pai adotou o mesmo sobrenome que meu avó (Salgado). Possuía a mesma origem que ele (Marrocos) e viveu e morreu na Amazônia também, bem ali pertinho de meu avó, que viveu e morreu em Manaus, sem ser parentes de grau nenhum e provavelmente, sem jamais terem se conhecido...

Como podemos ver, ao menos duas grandes conclusões podem ser tiradas, por hora: mitos são para ser derrubados, sempre que a causa seja boa. E muitas vezes, são pequenos detalhes, como já vimos, que podem determinar a sua queda, em prol da melhor escrita da História. ✨